



ARTIGO



Mulheres na Computação: uma análise dos fatores de ingresso e permanência

Ana Carolina Barbosa dos Santos, *Instituto Federal de Pernambuco*
Viviane Cristina Oliveira Aureliano, *Instituto Federal de Pernambuco*

Resumo. O estudo quanti-qualitativo possui como objetivo investigar os fatores que influenciam o ingresso e a permanência das mulheres na Computação, assim como identificar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas ao longo de suas trajetórias acadêmicas e profissionais. A pesquisa foi guiada por meio de entrevistas semiestruturadas com 20 estudantes do gênero feminino na área de Computação, os dados foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (1977). Os resultados revelaram diversos determinantes que impactam a participação feminina, incluindo o apoio familiar, a afinidade com a tecnologia, motivações financeiras, flexibilidade e o fortalecimento por meio de redes de apoio. As conclusões destacam a importância de iniciativas que promovam a inclusão e o suporte contínuo, enfatizando a necessidade de estratégias para aumentar a representatividade feminina na Computação.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Computação. Gênero. Ingresso. Permanência.



Introdução

A presença feminina na Computação é caracterizada por um desenvolvimento intrincado na história, desde a contribuição pioneira de Ada Lovelace, considerada autora do primeiro algoritmo computacional no século XIX, até a atuação de mulheres durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Na década de 1970, elas eram maioria no setor (Silveira, 2018).

Contudo, esse cenário se transformou: segundo a edição do Mapa da Educação Superior de 2023 elaborado pelo SEMESP (Lima, 2023), apenas 16,5% das vagas nos cursos de Computação no Brasil são ocupadas por mulheres; além disso, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2020, 79% das mulheres que ingressam em cursos de TI (Tecnologia da Informação) abandonam a graduação no primeiro ano (VERX, 2022).

Esse panorama também se reflete no mercado de trabalho. Em 2021, o setor de Informação, Software, Serviços e Telecomunicações (ISSTIC) representou 2,18% dos empregos formais no Brasil, frente a 1,73% em 2015, correspondendo a um crescimento de 26,01%. Apesar da expansão, a participação feminina nessa área caiu de 38,1% para 35,6%, revelando uma redução de 2,1% (SOFTEX, 2024) e evidenciando a persistente sub-representação das mulheres nas áreas tecnológicas.

Para Michelle Perrot (2007), a revolução informática não apenas transformou a dinâmica das profissões na área, tornando-as mais técnicas e solitárias, mas também as associou predominantemente a um ambiente masculino. Uma mudança que levanta questões essenciais sobre a verdadeira igualdade de gênero na área, ainda em constante debate e investigação.

A construção social do gênero contém raízes profundas nas sociedades antigas, onde homens e mulheres recebiam papéis distintos desde a infância. Desde cedo, normas e expectativas moldam identidades e comportamentos, definindo categorias de gênero. Mais que características biológicas, o gênero é uma relação social inserida em um sistema simbólico que atribui significados e expectativas com base nas normas culturais (De Lauretis, 1987).

No contexto atual, barreiras sociais e históricas ainda

impactam as trajetórias de carreira das mulheres, especialmente em áreas STEM, onde seguem sub-representadas. As expectativas de gênero moldam percepções sobre aptidões e interesses de meninas e meninos, influenciando suas escolhas educacionais e profissionais (Eagly; Wood, 2013).

Por outro lado, ainda há lacunas no conhecimento sobre as circunstâncias que inicialmente atraem e motivam mulheres a permanecerem em carreiras de informática, visto que a literatura existente ainda oferece pouca visibilidade sobre experiências de sucesso feminino, apesar dos desafios enfrentados no setor. Há a necessidade de aprofundar a compreensão dos fatores que sustentam a permanência das mulheres na área, especialmente em seus percursos acadêmicos e profissionais, marcados por desafios estruturais e socioculturais (Machado, 2020).

O objetivo principal do presente estudo é identificar os fatores de ingresso e permanência de mulheres na área de TIC, compreendendo suas motivações, desafios e estratégias ao longo do percurso acadêmico e profissional.

O estudo está estruturado da seguinte forma: o Referencial Teórico, a revisão de Trabalhos Relacionados, o Percurso Metodológico, os Resultados e, por fim, a Discussão, que integra as descobertas à literatura e aponta implicações para a inclusão feminina na Computação.

Referencial teórico

Vieira *et al.* (2019) apontam que as escolhas profissionais femininas tendem a alinhar-se a normas sociais de gênero, valorizando estabilidade e flexibilidade para conciliar trabalho e vida doméstica. Esse padrão, sustentado por estereótipos, reforça a segregação ocupacional ao restringir a presença feminina a áreas tidas como “adequadas”, como saúde e educação. Além disso, mulheres em setores masculinizados enfrentam a exigência velada de adotar posturas tradicionalmente atribuídas aos homens, o que revela barreiras implícitas que limitam sua legitimação profissional e dificultam a ascensão a cargos de maior autonomia.

A família e a escola são instâncias centrais na formação dos



papéis de gênero desde a infância, influenciando diretamente escolhas profissionais futuras. Meninas e meninos são incentivados a adotar comportamentos considerados "apropriados" para seus gêneros (Lima *et al.*, 2017), reforçando estereótipos e limitando perspectivas profissionais femininas. Desde cedo, brinquedos também orientam crianças para papéis de gênero: meninos desenvolvem raciocínio lógico e espacial, enquanto meninas recebem brinquedos ligados ao ambiente doméstico (Amaral *et al.*, 2017).

A identidade profissional feminina é atravessada por normas de gênero que historicamente limitam a atuação das mulheres em profissões masculinizadas, reforçando barreiras de reconhecimento e valorização (Chies, 2010). Nas áreas STEM, essa dinâmica impacta a percepção de autoeficácia, entendida como a confiança na própria capacidade de alcançar sucesso. Segundo Saavedra, Taveira e Silva (2010), mulheres em ciência e tecnologia tendem a apresentar menor autopercepção de suas habilidades, influenciada pela internalização de estereótipos e pela escassez de modelos femininos, intensificando os desafios ao desenvolvimento profissional.

Embora a ampliação da inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro tenha ganhado maior visibilidade a partir da década de 1970, impulsionada pela expansão do acesso ao emprego formal e ao ensino superior, esse processo ocorreu em um contexto histórico marcado por assimetrias estruturais persistentes, especialmente a desigualdade salarial e a segmentação ocupacional (Bruschini, 2007). Tal avanço, contudo, não se distribuiu de forma equitativa entre os diferentes campos profissionais, mantendo mecanismos de hierarquização que restringem a atuação feminina a áreas socialmente legitimadas.

Diante desse panorama, a evolução da presença feminina na Computação apresenta contornos singulares. Se, por um lado, a participação das mulheres foi central no desenvolvimento inicial da área, por outro, a retração observada a partir das décadas de 1960 e 1970 não pode ser atribuída a um desinteresse espontâneo. Trata-se, antes, de um processo gradual de resignificação sociocultural, marcado pela masculinização da tecnologia e pela consequente invisibilização das contribuições femininas (Ramos; Araújo, 2022; Menezes; Santos, 2021). A popularização dos computadores pessoais, associada a estratégias publicitárias voltadas

prioritariamente ao público masculino, consolidou a percepção da Computação como um campo masculino (Medeiros *et al.*, 2022).

Trabalhos relacionados

Diversos estudos têm se debruçado sobre a participação feminina em áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), especialmente na Computação, comprovando as desigualdades estruturais que perpassam o ingresso, a permanência e o desempenho das mulheres nesse campo.

Dias (2016) evidencia que, embora a busca por melhores condições de vida motive muitas mulheres a ingressarem em áreas tecnológicas, elas enfrentam preconceitos e desigualdades salariais que se estendem desde a formação acadêmica até o ambiente profissional. Similarmente, Menezes e Santos (2021) apontam que a ciência moderna ainda é percebida como um território predominantemente masculino, o que contribui para a invisibilidade e a desvalorização das contribuições femininas em STEM.

Alguns estudos ressaltam o papel do incentivo e do apoio na trajetória feminina. Mello *et al.* (2023) destacam que apoio familiar e incentivo docente influenciam a escolha pela Computação e favorecem a permanência na área. Avelino *et al.* (2020) evidenciam que o encorajamento familiar molda percepções sobre tecnologia e decisões profissionais, enquanto Macedo *et al.* (2018) indicam que o contato prévio com tecnologias digitais, como computadores e videogames, desperta o interesse de meninas por áreas de exatas.

Apesar dos fatores de apoio citados, as barreiras estruturais ainda se fazem presentes. Bezerra, Macedo e Lopes (2023) argumentam que, ao adentrarem ambientes majoritariamente masculinos, as mulheres enfrentam desafios que transcendem as competências técnicas, exigindo resiliência para garantir seu espaço e reconhecimento profissional.

Embora a literatura apresente ampla discussão sobre evasão, barreiras de gênero e inserção profissional, persiste uma lacuna quanto à análise integrada dos fatores que influenciam o ingresso e a permanência das mulheres na Computação. Nesse sentido, o presente estudo busca contribuir para o preenchimento dessa lacuna



ao articular percepções, experiências e estratégias relatadas por mulheres da área de TIC, ampliando a compreensão de suas trajetórias formativas e profissionais.

Percurso metodológico

O presente estudo adota um enfoque quanti-qualitativo, conforme Machado (2023), que ressalta a integração das metodologias quantitativa e qualitativa para potencializar a análise. Essa abordagem permite mapear singularidades de cada perspectiva, complementando-as mutuamente. No trabalho, justifica-se pelo uso da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), que possibilita a convergência entre dados numéricos e narrativos.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram explorar experiências e perspectivas individuais das participantes, capturando as nuances dos fatores que influenciam a relação das mulheres com o campo de TIC. O roteiro, que alia estrutura e flexibilidade, orienta as perguntas conforme os objetivos da pesquisa, permitindo também a inclusão de questões espontâneas durante a interação, enriquecendo a coleta (Minayo; Costa, 2018).

Para um levantamento abrangente, o roteiro de entrevista contemplou identificação, infância, educação, influências familiares, formação e inserção profissional. Baseou-se em Machado (2020) e Mello *et al.* (2023), que empregaram entrevistas semiestruturadas sobre a participação feminina em TIC. O guia foi direcionado a alunas em fase final de cursos de Computação, enfocando desafios da transição para o mercado e perspectivas de apoio e ascensão na área.

A apuração de dados envolveu 20 estudantes do gênero feminino, sendo metade do IFPE, distribuídas em diferentes polos de Pernambuco, e as demais oriundas de outras instituições, em cursos presenciais e a distância. A predominância de participantes residentes no estado reflete a configuração territorial da amostra, condicionada pela maior disponibilidade das alunas e pela dificuldade de localizar estudantes de Computação em outras regiões. Embora apresente limitações territoriais, a amostra permitiu

uma análise aprofundada das trajetórias individuais e coletivas, em consonância com os objetivos do estudo.

Após a elaboração do roteiro, foi realizada uma entrevista piloto para avaliar a clareza das questões, a fluidez da coleta e a adequação ao objetivo da pesquisa. Aplicada a uma estudante de Computação do IFPE com perfil similar às participantes, essa etapa permitiu identificar ajustes, medir o tempo necessário e corrigir ambiguidades. Com base nas observações, o instrumento foi aprimorado para garantir maior precisão e relevância na coleta de dados do estudo principal.

Aspectos éticos na metodologia

Para garantir a conformidade da ética da pesquisa, todas as entrevistas foram conduzidas em observância aos princípios do consentimento livre e esclarecido. Segundo Rodrigues Filho, Prado e Prudent (2015), esse consentimento deve ser obtido após o fornecimento de informações claras e suficientes, possibilitando uma decisão consciente e autônoma por parte das participantes.

Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato eletrônico, disponibilizado por meio do Google Forms. O documento apresentava uma introdução sobre os objetivos e a natureza da pesquisa, a solicitação de dados pessoais básicos e uma declaração de confidencialidade, assegurando que todas as informações seriam utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

Antes da gravação das entrevistas, o TCLE foi apresentado e devidamente aceito de forma digital, garantindo o consentimento informado e voluntário das participantes, em consonância com os princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos.

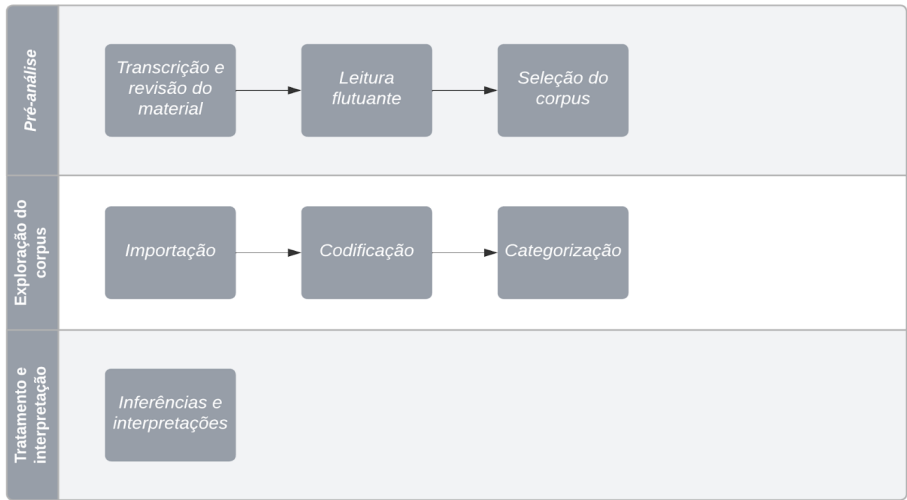
Análise de conteúdo

A análise das entrevistas foi conduzida segundo a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), amplamente empregada em pesquisas qualitativas por permitir a interpretação de significados implícitos nas narrativas e a identificação de padrões e



tendências nos discursos. Essa abordagem possibilitou compreender os fatores que influenciam o ingresso e a permanência das mulheres na Computação, bem como os desafios e estratégias presentes em suas formações acadêmicas e profissionais.

Fluxograma 1 - Estrutura do processo metodológico aplicado nas fases da Análise de Conteúdo



Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

No presente trabalho, o processo analítico seguiu as três fases clássicas descritas por Bardin (1977): 1) pré-análise; 2) exploração do *corpus*; e 3) tratamento e interpretação dos resultados.

Na pré-análise, realizou-se a transcrição das entrevistas com o auxílio da ferramenta Whisper (OpenAI), seguida de revisão manual para garantir a fidelidade ao conteúdo original. Em seguida, efetuou-se a leitura flutuante, que possibilitou uma primeira aproximação com o *corpus* e a identificação de temas recorrentes relacionados aos objetivos da pesquisa. A partir dessa leitura, foram selecionados os trechos que abordavam os fatores de ingresso, permanência e êxito das participantes na área de TIC, bem como suas motivações, desafios e barreiras enfrentadas.

Na segunda fase, correspondente à exploração do material, as

entrevistas foram importadas e analisadas com o apoio do software ATLAS.ti, que auxiliou na organização, codificação e categorização sistemática dos dados. O conteúdo foi segmentado em unidades de registro (palavras, frases ou trechos relevantes), priorizando o significado semântico das expressões.

Assim, foram atribuídos códigos representativos aos temas emergentes identificados na leitura inicial, os quais foram posteriormente agrupados em categorias temáticas com base em critérios de similaridade e alinhamento ao referencial teórico. Esse processo permitiu estruturar o *corpus* em conjuntos coerentes de significados, evidenciando padrões, recorrências e contrastes nas narrativas das participantes.

Por fim, a última etapa da análise concentrou-se na interpretação das condições que influenciam o ingresso e a permanência das mulheres na área de TIC. Esse processo favoreceu uma leitura abrangente dos resultados, permitindo sua integração crítica com a literatura e contribuindo para a validação das conclusões. A interpretação iniciou-se com a explanação das categorias emergentes, visando compreender os significados atribuídos pelas participantes às suas experiências no setor de TI. Considerou-se não apenas a frequência dos temas, mas também as nuances e variações nas respostas, o que permitiu identificar padrões e tendências coletivas.

Resultados

A análise dos dados agrupou os relatos das 20 estudantes em categorias centrais. Essas categorias, baseadas na frequência dos temas, revelam padrões essenciais para a discussão. Logo, esta seção foi organizada conforme o roteiro da entrevista, propiciando uma compreensão linear das narrativas, assim facilitando a análise integrada das etapas da formação profissional.

Aspectos demográficos

A **Tabela 1** apresenta dados das 20 estudantes participantes.



Para preservar a privacidade, foram usados nomes fictícios inspirados na lista das 50 mulheres mais influentes em tecnologia, publicada pela Forbes (2018). Essa medida assegura o anonimato das entrevistadas, alinhando-se às normas éticas, ao mesmo tempo que homenageia figuras que simbolizam a diversidade e representatividade feminina na área de TI.

Tabela 1 - Aspectos demográficos por entrevistada

Entrevistada	Idade	Cor/Raça	Renda Mensal
Jasmine	29	Branca	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Sue	23	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Joy	41	Parda	Preferiu não declarar
Sarah	23	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Karen	38	Parda	Preferiu não declarar
Ursula	21	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Jennifer	22	Branca	Até R\$ 1.000,00
Rana	27	Parda	Até R\$ 1.000,00
Amy	33	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Maria	28	Parda	Até R\$ 1.000,00
Jade	20	Branca	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Monique	20	Preta	Até R\$ 1.000,00
Katie	25	Branca	Preferiu não declarar
Sofie	25	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Helena	31	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Patricia	34	Preta	R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00
Anita	29	Branca	Até R\$ 1.000,00
Christine	29	Parda	R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00
Pauline	26	Branca	Até R\$ 1.000,00
Michelle	21	Parda	R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Quanto aos atributos demográficos, a amostra apresenta distribuição etária heterogênea, predominando a faixa etária de 25 a 34 anos. Sete participantes (35%) têm entre 18 e 24 anos, 11 (55%) entre 25 e 34 anos, e 2 (10%) entre 35 e 44 anos. A média de idade é 27,5 anos, indicando um perfil de jovens adultas em fase de consolidação acadêmica e início de carreira em TIC.

Em relação à identificação por cor/raça, a amostra revela diversidade: 40% (8) declararam-se pretas, 30% (6) pardas e 30% (6) brancas. A predominância de alunas negras evidencia a representatividade na área, onde questões de gênero e raça influenciam o acesso e a permanência em um campo hegemonicamente masculino e estruturalmente desafiador. Apesar do crescimento da presença feminina e negra na Computação, persistem barreiras, especialmente no acesso a posições de liderança. Esse ponto foi ressaltado por uma das entrevistadas, que trouxe uma reflexão crítica acerca dos desafios enfrentados por grupos minorizados no campo da Computação:

Eu acho que existem muitos programas que visam tanto atrair mulheres quanto tentar desenvolver mulheres. Mas entra muito na questão racial também, que é tipo, a gente vai colocar essas pessoas, mas elas só vão ser base, tá? Tipo, você não vai virar liderança quase nunca. (Amy)

Tabela 2 - Informações institucionais sobre as entrevistadas

Entrevistada	Instituição	Curso
Jasmine	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Sue	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Joy	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Sarah	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Karen	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Ursula	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Jennifer	IFPE	Sistemas para Internet
Rana	IFPE	Sistemas para Internet
Amy	UFPE	Sistemas de Informação
Maria	IFPE	Sistemas para Internet
Jade	UFPE	Sistemas de Informação
Monique	UFPE	Sistemas de Informação
Katie	UFPE	Sistemas de Informação
Sofie	UNINASSAU (PE)	Engenharia da Computação
Helena	Descomplica (PE)	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Patricia	UNIVESP	Engenharia da Computação
Anita	UNOPAR (ES)	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Christine	SENAC (SC)	Engenharia de Software
Pauline	Descomplica (PE)	Sistemas de Informação
Michelle	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).



Influência e incentivo familiar na carreira

Tabela 3 - Histórico educacional e ocupação profissional dos responsáveis

Entrevistada	Escolaridade (Responsáveis)	Ocupação Profissional (Responsáveis)
Jasmine	Mãe - fundamental incompleto Pai - fundamental incompleto	Mãe - dona de casa Pai - aposentado
Sue	Mãe - superior completo	Mãe - analista de Recursos Humanos
Joy	Mãe - fundamental incompleto Pai - fundamental incompleto	Mãe - bordadeira Pai - caminhoneiro
Sarah	Mãe - médio completo Pai - médio completo	Mãe - auxiliar de cozinha Pai - operador de sinalização
Karen	Mãe - médio completo Pai - médio completo	Mãe - artesã Pai - sargento
Ursula	Mãe - médio completo Pai - médio completo	Mãe - professora Pai - autônomo
Jennifer	Mãe - técnico incompleto Pai - médio completo	Mãe - enfermeira Pai - torneiro mecânico
Rana	Mãe - fundamental incompleto Pai - fundamental incompleto	Mãe - dona de casa
Amy	Mãe - fundamental incompleto	Mãe - auxiliar de serviços gerais
Maria	Mãe - fundamental incompleto Pai - fundamental incompleto	Mãe - dona de casa Pai - comerciante
Jade	Mãe - superior completo Pai - superior completo	Mãe - dentista Pai - engenheiro civil
Monique	Mãe - médio completo Pai - médio completo	Mãe - confeiteira Pai - tesoureiro
Katie	Mãe - superior completo Pai - médio completo	Mãe - professora Pai - eletricitista
Sofie	Mãe - médio completo Pai - superior completo	Mãe - auxiliar de serviços gerais Pai - psicólogo/auxiliar de combate a endemias
Helena	Mãe - superior completo Pai - médio completo	Mãe - administradora Pai - administrador
Patricia	Mãe - médio completo Pai - técnico completo	Mãe - sem ocupação Pai - funcionário público
Anita	Mãe - fundamental incompleto Pai - fundamental incompleto	Mãe - empreendedora Pai - motorista
Christine	Avó - fundamental incompleto Mãe - superior completo Pai - superior completo	Avó - vendedora Mãe - professora Pai - economista
Pauline	Mãe - superior completo Pai - superior completo	Mãe - enfermeira Pai - administrador
Michelle	Mãe - superior completo Pai - médio completo	Mãe - administradora Pai - administrador

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Em relação à escolaridade, observa-se que: 37,5% das entrevistadas possuem responsáveis que completaram o ensino médio; 27,5% têm responsáveis cujo nível educacional se limita ao ensino superior completo; 25% relataram que os responsáveis concluíram apenas o ensino fundamental incompleto; e 10% mencionaram que os responsáveis possuem curso técnico.

Figura 1 - Influência familiar na carreira



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Como observado, há pouca presença de profissionais da área de tecnologia entre os responsáveis, sendo que apenas três entrevistadas relataram ter parentes atuantes no setor. Ainda assim, o apoio familiar mostrou-se relevante em suas trajetórias. Foram registradas 33 menções a incentivo aos estudos e ao desenvolvimento profissional, mesmo sem influência direta na escolha pela área de TI. Além disso, cinco ocorrências indicaram cobranças quanto ao desempenho acadêmico e à inserção no mercado de trabalho, enquanto 11 destacaram autonomia na decisão pelo curso.

Adicionalmente, 6 ocorrências evidenciaram manifestações de preconceito de gênero no âmbito familiar, expressas por resistências ou questionamentos iniciais sobre a adequação das entrevistadas à



área. Apesar da baixa familiaridade dos responsáveis com o setor de TI, o incentivo à educação revelou-se unânime entre os relatos.

Mesmo entre as entrevistadas sem influência direta na escolha pela carreira em TI, a ausência de oposição familiar foi proeminente. Ursula relatou incentivo à educação em geral, sem direcionamento específico à área: “Me incentivaram a estudar, mas não necessariamente a seguir na área de TI [...]”. De forma semelhante, Sarah afirmou: “Eles me deixaram livre, mas sempre reforçaram que eu precisava estudar”. Esses relatos mostram que, apesar da pouca familiaridade das famílias com tecnologia, prevaleceu o apoio à educação. Em casos pontuais, como o de Jasmine, “[...] mas, pelo meu pai, eu estaria estudando Direito, né?”, surgiram expectativas direcionadas, mas a maioria teve liberdade para seguir suas próprias aspirações.

Em contraste, seis relatos apontaram preconceito de gênero no ambiente familiar, refletindo resistência à escolha pela área de TI, ainda vista como masculina. Jade relatou: “Quando eu cheguei com a ideia, eles ficaram com muito pé atrás [...] que eu ia sofrer muito preconceito [...]”, ilustrando os obstáculos enfrentados por mulheres ao desafiarem estereótipos. Pauline afirmou: “[...] Principalmente meu pai. A dinâmica muito machista na cabeça dele... A mulher cuida das coisas em casa [...] já o meu irmão [...] pode estudar, trabalhar [...]”. A fala evidencia a desigualdade de expectativas entre filhos e filhas, reforçando papéis tradicionais que limitam a presença feminina no mercado de trabalho.

Fatores de ingresso

Figura 2 - Fatores de ingresso para a área de Computação



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

A flexibilidade surgiu como um fator central, com 20 ocorrências mencionando a autonomia e a liberdade proporcionadas pela área de TI (seja pela possibilidade de atuar em diferentes segmentos, acessar oportunidades internacionais ou gerir a própria rotina, especialmente com o trabalho remoto). Como destacou Rana: “Acho que eu vi as possibilidades de que a nossa área poderia levar... tanto em questão de vida, quanto em questão de independência, né?”. Michelle e Anita também ressaltaram o encanto pela flexibilidade do home office: “O fato da tecnologia me possibilitar trabalhar em home office, isso me encantou muito” (Michelle); “O fato de poder trabalhar home office foi um fato que também me incentivou bastante a começar a estudar” (Anita).

A afinidade com tecnologia também atuou como elemento decisivo, fator destacado em 16 ocorrências. Essa percepção foi mencionada por Sue da seguinte forma: “Quando eu me vi ali na tecnologia estudando, eu disse 'é isso' [...]”. De forma equivalente, a influência familiar ou social também foi citada 16 vezes, manifestando-se por meio de incentivos de parentes, colegas já



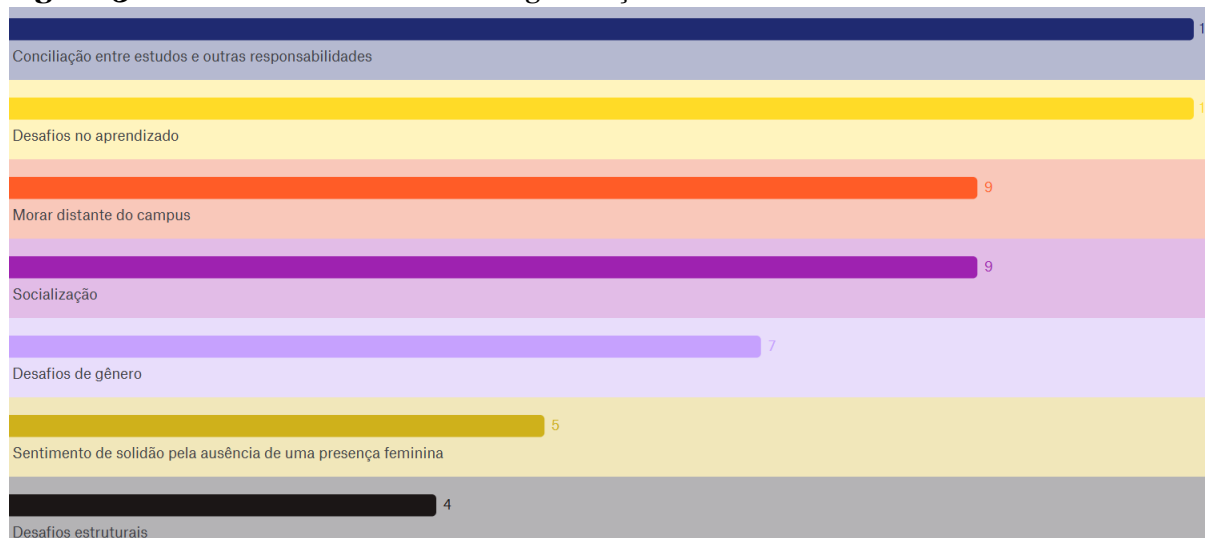
inseridos no campo ou contato com profissionais da área. Helena, por exemplo, mencionou a inspiração vinda do irmão: “Eu via muito meu irmão trabalhando na área [...]”. Já Sofie relatou: “Tenho uma amiga que já era da área [...] e ela sempre me incentivou [...]”.

Outro fator recorrente foi a disponibilidade de oportunidades acessíveis para formação em tecnologia, exemplificada por Karen: “Quando vi a chance de tentar entrar com a minha nota da escola, decidi tentar [...]”. Sete ocorrências destacaram a pandemia como impulso, devido à adaptação digital e à valorização da TI. Também foram ressaltadas as perspectivas de crescimento profissional: sete mencionaram a valorização do mercado de trabalho, sete a motivação financeira pelas boas condições de empregabilidade, seis aspirações de carreira, e apenas uma buscou equilíbrio entre vida profissional e familiar na escolha da área.

Desafios enfrentados durante a graduação

Apesar de uma porcentagem considerável das entrevistadas relatar ter recebido incentivos institucionais em algum momento, suas vivências também foram marcadas por desafios significativos. A conciliação entre estudos e outras responsabilidades destacou-se, com 11 menções à dificuldade de equilibrar o curso com a vida pessoal e profissional.

Figura 3 - Dificuldades enfrentadas na graduação



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

A exigência técnica da área de TI demandou grande dedicação, e 11 participantes relataram dificuldades em disciplinas específicas, como lógica de programação e cálculo. Michelle expressou: “Às vezes eu me sentia um pouco para baixo. ‘Por que o fulano consegue entender isso e eu não?’”. Além disso, 4 depoimentos evidenciaram falta de direcionamento, gerando insegurança e incertezas, como exemplificado por Karen: “Tinha coisa que eu não sabia nada... realmente eu não sabia nada de programação...”.

A desigualdade de gênero também foi um desafio recorrente na graduação, mencionada em 7 relatos que ressaltam a predominância masculina, como apontou Monique: “Minha sala só tinha duas meninas, eu e outra, e o resto eram homens”. Sue evidenciou a necessidade de se impor para conquistar respeito: “Às vezes até ser um pouco rígida ou ríspida”. Além disso, 5 participantes expressaram sentimento de solidão pela ausência de uma presença feminina significativa, como em uma das declarações: “Mas eu gostaria de ter uma presença feminina aqui, sabe? Para conversar sobre alguma coisa que está incomodando ou não” (Jade).

A socialização no curso também foi um desafio para nove participantes, que relataram dificuldades em integrar grupos devido a diferenças de interesses, falta de networking, espaços pouco inclusivos e dinâmicas sociais que as excluem. Jennifer exemplifica: “Sempre sou a única mulher do grupo, acabam me sobrecarregando,



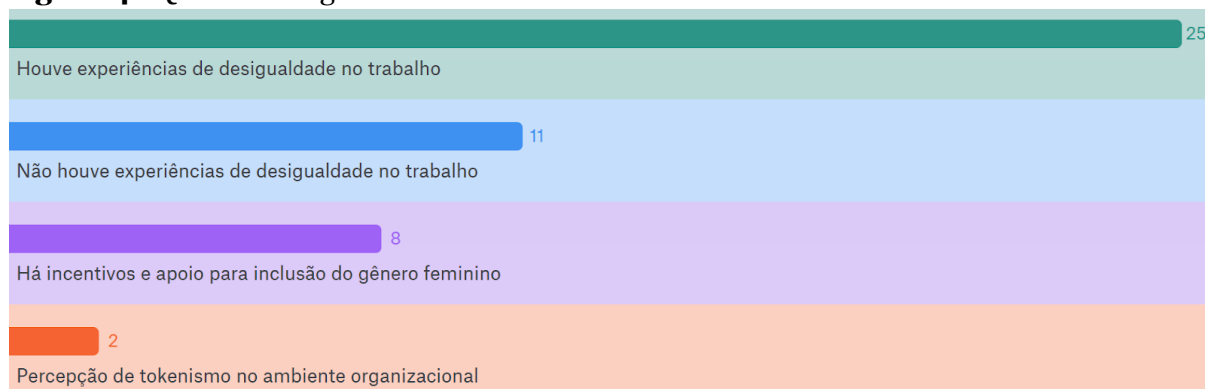
esperando que eu faça mais do que os outros”. Amy relatou: “Na engenharia, as meninas faziam os relatórios e os meninos programavam, o que nos deixava atrás em código”.

Além do mais, obstáculos estruturais também impactaram a experiência das estudantes: quatro relatos indicaram limitações como falta de turnos alternativos e problemas com transporte; nove mencionaram a distância do campus como agravante.

Carreira profissional e desigualdade de gênero no ambiente de trabalho

A trajetória profissional das entrevistadas revela distintos estágios de inserção no setor de Computação, abrangendo mulheres já atuantes, em processo de transição e aquelas que ainda buscam a primeira oportunidade. Do total, três participantes migraram de outra carreira e atuam há mais tempo na área, uma realizou a transição recentemente, seis ingressaram diretamente na TI como primeira experiência profissional, sete encontram-se em transição e três ainda não atuam no setor.

Figura 4 - Questões de gênero no ambiente de trabalho



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Quando as entrevistadas que atuam em TI foram questionadas sobre gênero no trabalho, observou-se um contraste entre esforços institucionais e desigualdades persistentes. O apoio à inclusão

feminina apareceu em oito ocorrências, destacando incentivos e iniciativas de diversidade. Sarah relatou que “mais de 90% das contratações foram de mulheres” no programa da empresa, enquanto Amy mencionou grupos de apoio internos para mulheres e pessoas negras, voltados à troca de experiências e suporte.

Apesar desses esforços, 26 ocorrências apontaram desigualdade de gênero, expressa por obstáculos à progressão profissional, episódios de preconceito e desvalorização do trabalho feminino. Jade relatou que um cliente “não confiava no trabalho porque eram mulheres”, enquanto Monique descreveu situações em que suas contribuições eram ignoradas em reuniões, sendo direcionadas a colegas homens: “Respondia ao cliente, ele me ignorava e perguntava a outro, geralmente homem, me deixando escanteada”. Esses relatos evidenciam que, mesmo diante de políticas institucionais, práticas discriminatórias ainda persistem no cotidiano profissional.

Em contrapartida, dez relatos afirmaram não ter vivenciado desigualdade direta no ambiente de trabalho. Christine destacou a experiência em um contexto mais acolhedor: “Vim de uma experiência ruim, mas aqui está sendo muito bacana, pessoas amáveis”. Semelhantemente, Rana afirmou: “Nunca me senti destrutada”, enquanto Ursula relatou: “Fico desconfortável, mas nunca me senti inferior”. Esses depoimentos indicam que, embora a baixa representatividade feminina gere desconforto, a ausência de discriminação explícita sugere a existência de ambientes organizacionais mais respeitosos.

Ademais, duas ocorrências apontaram percepção de tokenismo nas organizações, indicando que algumas iniciativas de diversidade podem ser superficiais, sem promover mudanças efetivas na cultura organizacional ou no avanço profissional das mulheres em TIC.

Percepções sobre a área de TIC

Embora duas entrevistadas não tenham vivenciado preconceito direto, ambas reconhecem os desafios das mulheres no setor. A baixa representatividade feminina é evidente, com 28 ocorrências destacando a predominância masculina em ambientes acadêmicos e



profissionais. Ursula comentou: “A diferença gritante já começa na sala de aula... No trabalho também, sempre tem muito mais homens do que mulheres.” Jennifer reforçou: “Quando eu entrei, pensei que em 2023 não seria assim, mas tive um choque: ainda havia poucas mulheres.”

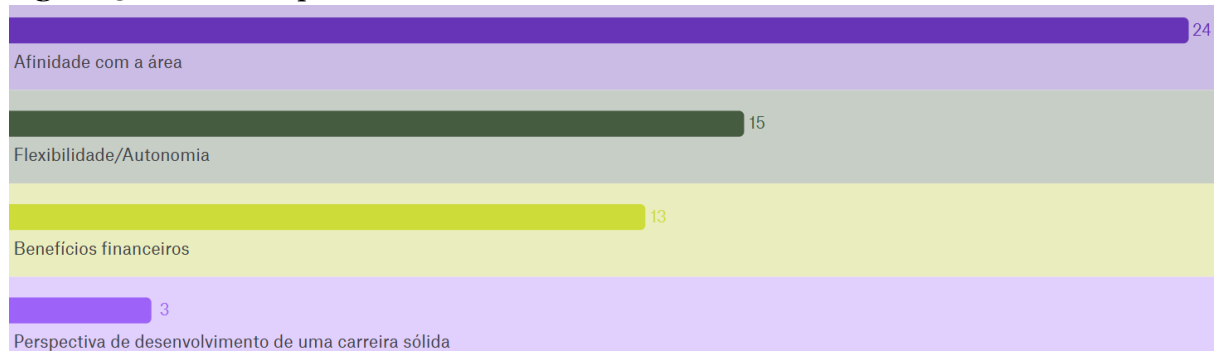
A percepção sobre a inclusão feminina evidencia desafios de gênero, com 7 ocorrências destacando barreiras persistentes, e reconhece iniciativas que aumentam a visibilidade das mulheres, com 8 ocorrências. A presença feminina crescente, embora ainda desproporcional, foi mencionada 4 vezes, refletindo uma visão progressista, porém cautelosa, sobre a equidade de gênero.

Seis menções destacaram a TI como um campo de múltiplas possibilidades profissionais, com flexibilidade e diversidade de atuação. Contudo, a predominância masculina permanece evidente, com treze relatos apontando que o setor ainda é majoritariamente ocupado por homens. Além disso, quatro ocorrências indicaram que processos de contratação e promoção dependem de redes de relacionamento majoritariamente masculinas, reforçando barreiras estruturais, e três relatos apontaram a influência de estereótipos de gênero nas dinâmicas profissionais, afetando a percepção e o tratamento das mulheres no ambiente de trabalho.

Fatores de permanência

Conforme abordado na seção precedente, uma parcela considerável manifestou ter cogitado, em determinado momento, abandonar o curso ou a carreira em tecnologia, motivadas por desafios internos e externos. Contudo, ao serem indagadas acerca dos motivos que as impulsionam a permanecer na área, emergiu um conjunto de fatores que atuam como potentes estímulos para a sua continuidade e progressão profissional.

Figura 5 - Fatores de permanência



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O aspecto mais mencionado nas entrevistas foi a afinidade com a área de tecnologia, citada em 24 relatos. Muitas participantes demonstraram forte interesse pela Computação, o que as motiva a persistir mesmo diante de adversidades, funcionando como um fator de resiliência. Jasmine resumiu: “A tecnologia, eu posso dizer, é um mundo. Tem muito mais a ver comigo do que qualquer outra área”. O dinamismo do setor também estimula o desenvolvimento pessoal e profissional, como destacam Anita: “É uma área que me impulsiona a melhorar sempre [...], depende do quanto você está se empenhando”, e Pauline: “É uma área em que eu me encontro, gosto muito. Não é chato passar horas estudando, resolvendo um problema”.

Outro ponto enfatizado foi a flexibilidade e a autonomia na TI, mencionadas 15 vezes. A possibilidade de trabalhar remotamente, definir horários e atuar em diferentes setores torna a tecnologia uma opção atrativa. Patricia exemplifica: “Eu ouvia falar sobre nômades digitais, mas era muito fora da minha realidade. E hoje eu posso dizer que, se eu quiser ir lá, falar que vou viajar e vou conhecer outras coisas, eu consigo fazer, porque eu trabalho remoto”.

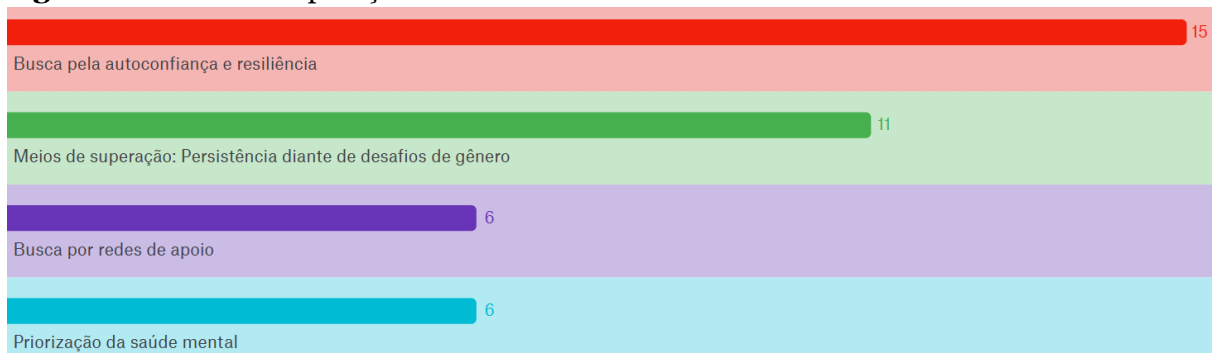
Remunerações atrativas e benefícios financeiros foram apontados em 13 relatos como fatores decisivos para a permanência na área, especialmente em função dos altos salários e da perspectiva de melhoria das condições de vida, que se mantêm como incentivos mesmo diante dos desafios enfrentados. De forma menos recorrente, a possibilidade de desenvolvimento de uma carreira sólida também foi mencionada, aparecendo em três ocorrências.



Meios de superação

A análise evidenciou estratégias mobilizadas pelas participantes para enfrentar os desafios vivenciados em suas trajetórias na Computação. Destacam-se comportamentos associados à persistência diante de adversidades de gênero e de aprendizagem, bem como à busca contínua por desenvolvimento pessoal e profissional.

Figura 6 - Meios de superação



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

A autoconfiança e a resiliência configuraram-se como os principais meios de superação, mencionados em 15 ocorrências. Frente a obstáculos acadêmicos, à inserção profissional e às desigualdades de gênero, as entrevistadas relataram que acreditar em suas próprias capacidades foi decisivo para a permanência na área, compreendendo os desafios como transitórios. Michelle sintetiza essa perspectiva ao afirmar: “Estou aprendendo a ser mais leve comigo, entender que meu tempo de aprendizado pode ser diferente do de outros, e que tudo bem.”

As barreiras relacionadas ao gênero também emergiram de forma recorrente, com 11 menções, exigindo a constante legitimação de competências em um campo historicamente masculinizado, frequentemente por meio do investimento contínuo na formação técnica. Sarah observa: “A única solução é estudar, porque nunca

vamos nos sentir confiantes o suficiente para competir com o homem.” O relato evidencia o esforço adicional requerido para o reconhecimento profissional.

Outros meios de superação mencionados incluíram o compromisso com o aprendizado contínuo (cinco ocorrências), a atuação de redes de apoio institucionais e informais (seis menções) e o cuidado com a saúde mental, por meio do autocuidado, igualmente recorrentes nos depoimentos.

Discussão

Pode-se inferir que a presença de responsáveis com escolaridade limitada ao ensino fundamental indica que, para muitas entrevistadas, a escolha pela Computação não contou com referência familiar direta. Ainda assim, todas relataram apoio ao desenvolvimento educacional e profissional, independentemente do conhecimento familiar sobre tecnologia. Almeida e Melo-Silva (2021) destacam que a influência parental pode se manifestar tanto por ações concretas, como suporte financeiro e incentivo, quanto por acolhimento emocional e validação das escolhas. A ausência de imposição familiar, segundo os autores, favorece a autonomia, evidenciada nos relatos, que valorizam de forma geral os estudos mais do que uma orientação profissional específica.

Ao citarem os fatores que motivaram a entrada na TI, as entrevistadas relataram trajetórias diversas, marcadas por afinidade com a tecnologia, busca por flexibilidade, apoio familiar e perspectivas favoráveis do mercado. Esses achados dialogam com Aguiar (2006), que compreende a escolha profissional como um processo social e subjetivo, e com Dias (2016), ao evidenciar que a inserção feminina na área envolve não apenas motivações econômicas, mas também identificação com as ciências exatas, interesse por inovação e desejo de atuação criativa e transformadora.

A flexibilidade mencionada pelas entrevistadas relaciona-se ao desejo de autonomia e liberdade, com destaque para modalidades como home office e horários flexíveis. Contudo, apenas uma participante citou explicitamente o equilíbrio entre vida pessoal e profissional como motivação, em contraste com dados do LinkedIn



(Abrantes, 2013), que apontam esse fator como prioridade para 63% das mulheres globalmente. Tal divergência pode indicar uma reconfiguração de expectativas femininas no trabalho, sinalizando um afastamento de estereótipos ligados ao papel doméstico.

A predominância masculina nos cursos de TI, a subestimação das competências técnicas femininas e a baixa representatividade são desafios recorrentes na formação. Ademais, Ramos e Araújo (2022) apontam o machismo como fator de desigualdade no espaço acadêmico. Soma-se a isso a dificuldade de conciliar estudos com responsabilidades pessoais, gerando sobrecarga e desmotivação (Santos; Marczak, 2023). Por fim, obstáculos em disciplinas como lógica e cálculo, conforme Sales *et al.* (2017), podem provocar desânimo e contribuir para a evasão.

Trauth (2002) lança luz sobre as dificuldades das mulheres em TI, como exclusão, estereótipos negativos e falta de modelos, que geram sentimentos de inadequação e isolamento num ambiente predominantemente masculino, desafios também mencionados pelas entrevistadas. Contudo, a persistência e a resiliência surgem como fatores essenciais para superar tais adversidades, configurando-se não apenas como enfrentamento das barreiras externas, mas como resistência interna a um sistema historicamente excludente.

Embora algumas participantes tenham mencionado programas corporativos de incentivo e contratação de minorias, como mulheres, persistem relatos de discriminação e preconceito de gênero. Essa constatação corrobora Medeiros *et al.* (2022), que apontam que a Computação carrega estereótipos culturais historicamente consolidados, os quais impactam tanto o ingresso quanto a permanência feminina no domínio. Por outro lado, algumas entrevistadas relataram experiências positivas em ambientes organizacionais inclusivos. Santos (2025) ressalta que políticas afirmativas são essenciais para promover uma cultura que valorize as mulheres, ampliando sua permanência e ascensão no setor tecnológico.

Nos relatos, 22 ocorrências indicaram a possibilidade de desistência do curso ou da área, motivada por fatores internos e externos. As entrevistadas enfrentam desafios como dificuldades em disciplinas-chave (programação e lógica), sobrecarga ao conciliar

trabalho e vida pessoal, além de barreiras de gênero. A falta de autoconfiança e a escassez de oportunidades de estágio e emprego intensificam o desânimo e contribuem para a evasão (Bezerra; Macedo; Lopes, 2023; Santos; Marczak, 2023). A síndrome do impostor, comum entre mulheres em STEM, manifesta-se na subestimação das próprias habilidades, comprometendo a permanência, especialmente diante da baixa representatividade feminina, que dificulta a construção de referências inspiradoras (Guenes *et al.*, 2024).

Embora a evasão feminina ocorra em diversas áreas de STEM, a Computação apresenta especificidades socioculturais. Diferente de outras Engenharias e Ciências Exatas, é marcada por socialização tecnológica precoce masculinizada, em que homens chegam ao ensino superior com maior familiaridade com computadores e programação, enquanto mulheres apresentam menor autoeficácia técnica (Amaral *et al.*, 2017). Estereótipos históricos associam a área a um perfil masculino, isolado e obsessivo, afetando ingresso e permanência (Medeiros *et al.*, 2022). A baixa representatividade em salas e ambientes profissionais intensifica isolamento, necessidade de validação e estratégias adaptativas mais intensas do que em outras áreas técnicas (Bezerra; Macedo; Lopes, 2023).

Constata-se que as especificidades socioculturais atribuídas à Computação pela literatura se refletem diretamente nas experiências das entrevistadas. As dificuldades em disciplinas de base lógica, associadas à insegurança e à percepção de desvantagem inicial, evidenciam a assimetria da socialização tecnológica prévia, fragilizando a autoeficácia diante da percepção de que outros estudantes já ingressavam com conhecimentos anteriores. Ademais, a baixa representatividade feminina produziu experiências recorrentes de isolamento acadêmico, tensionando o sentimento de pertencimento e revelando um legado histórico de apagamento simbólico das mulheres na Computação, expresso na escassez de referências e na naturalização da masculinização do campo. Tal herança atravessa as trajetórias formativas contemporâneas e evidencia a insuficiência de iniciativas pontuais, reforçando a necessidade de estratégias institucionais capazes de incidir estruturalmente sobre a cultura acadêmica e profissional da área.



Considerações finais

O estudo investigou os fatores que influenciam o ingresso e a permanência das mulheres na Computação, a partir das experiências de estudantes da área. Os resultados revelam desafios estruturais e individuais, ligados a gênero e suporte social, assim como elementos que favorecem sua permanência. Mais do que mapear dificuldades e oportunidades, a pesquisa destaca a força e a resiliência dessas mulheres, que desafiam normas e reconfiguram espaços, afirmando sua presença e impacto no setor tecnológico.

Quanto aos fatores determinantes para o ingresso, evidenciou-se que, apesar da predominância do interesse pessoal e da afinidade com a tecnologia, a busca por maior estabilidade financeira e flexibilidade profissional também figura como motivação relevante. No âmbito da graduação, destacaram-se adversidades relacionadas ao ambiente de gênero e à necessidade de conciliar múltiplas responsabilidades, apontadas como desafios significativos. Ainda assim, a quase totalidade das participantes manifestou identificação com o curso e sentimento de pertencimento à área de tecnologia, frequentemente reforçados pela afinidade com o campo e pelo dinamismo da profissão, elementos essenciais para a sua permanência.

Como sugestão para investigações futuras, propõe-se a ampliação do escopo da pesquisa para abranger uma diversidade maior de participantes, contemplando mulheres de diferentes estados e contextos regionais, de modo a possibilitar uma análise mais ampla e territorialmente diversa das experiências femininas na Computação. Além disso, recomenda-se a inclusão de mulheres egressas e de profissionais com trajetórias mais consolidadas na área de tecnologia, com o objetivo de investigar fatores associados ao sucesso profissional. Tal abordagem pode contribuir para a identificação de modelos femininos de sucesso, capazes de atuar como referências e inspirar novas gerações de mulheres na área.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. **Psicol. Educ.**, São Paulo, n. 23, p. 11–25, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jan. 2025.

ABRANTES, Talita. O que as mulheres querem para a carreira, segundo o LinkedIn. **EXAME**, [S.l.], abr. 2013. Disponível em: <https://exame.com/carreira/o-que-as-mulheres-querem-para-a-carreira-segundo-o-linkedin>. Acesso em: 13 set. 2024.

ALMEIDA, Fabiana Hilário de; MELO-SILVA, Lucy Leal. Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. **Psico-USF**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 75–85, abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000100009>.

AMARAL, Marília Abrahão *et al.* Investigando questões de gênero em um curso da área de Computação. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 2, p. 857–874, maio 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p857>.

ATLAS.ti. **ATLAS.ti Web: software de análise qualitativa de dados**. Disponível em: <https://atlasti.com>. Acesso em: 22 nov. 2024. [software].

AVELINO, Meirylane Rosa Emidio *et al.* Factors affecting female students motivation related to enrollment and retention in information technology courses. **CLEI Electronic Journal**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 1–11, fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.19153/cleiej.22.2.8>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.



BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; SILVA, Luciana Mourão Cerqueira e. Panorama da participação feminina na Educação Superior, no mercado de trabalho e na Sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. 1-11, out. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174090>.

BEZERRA, Carla Ilane Moreira; MACEDO, Maria Alice de Souza; LOPES, Kassia Cristina de Sousa. Fatores e dificuldades que influenciam na entrada e permanência das mulheres na área de TI. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 17., 2023, João Pessoa, PB. **Anais...** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 148–158. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230896>.

BRUSCHINI, Maria Cristina. Aranha.. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537–572, set. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 507–528, maio/ago. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200013>.

DIAS, Sara de Lima. A escolha feminina na área das profissões tecnológicas: impactos na subjetividade. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 9, n. 33, p. 3–21, jan./jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/cgt.v9n33.6191>.

EAGLY, Alice H.; WOOD, Wendy. The nature–nurture debates: 25 years of challenges in understanding the psychology of gender. **Perspectives on Psychological Science**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 340–357, mai. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1745691613484767>.

FORBES. **As mulheres mais notáveis da tecnologia**. Forbes, [S.l.], 2018. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2018/11/as-mulheres-mais-notaveis-da-tecnologia>. Acesso em: 28 jan. 2025.

GUENES, Paloma *et al.* Impostor phenomenon in software engineers. *In: IEEE/ACM 46th International Conference on Software Engineering: Software Engineering in Society (ICSE-SEIS)*, 2024. Proceedings..., [S.l.], 2024. p. 96–106. DOI: <https://doi.org/10.1145/3639475.3640114>.

LAURETIS, Teresa de. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

LIMA, Flaviane Izidro Alves de *et al.* A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33–50, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818>.

LIMA, Jéssica. No Brasil, mulheres representam apenas 16,5% dos estudantes em cursos de TI. **Sagres Online**, [S.l.], jul. 2023. Disponível em: <https://sagresonline.com.br/no-brasil-mulheres-representam-apenas-165-dos-estudantes-em-cursos-de-ti/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MACEDO, Maysa. M. G. *et al.* Identificando influências na escolha de uma graduação em Exatas: um estudo qualitativo e comparativo de gênero. *In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT)*, 12., 2018, Natal. **Anais....** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2018. p. 30-33. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2018.3377>.

MACHADO, Giulia Mora. **A questão de gênero na área de tecnologia e inovação: um estudo de caso**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão da Tecnologia da Informação) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MACHADO, José Ronaldo de Freitas. Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. **Devir Educação**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. e-697, 2023. DOI: <https://doi.org/10.30905/rde.v7i1.697>.



MEDEIROS, Ana *et al.* Percepções sobre a tecnologia da informação por alunas de ensino médio: um estudo sobre gênero e escolhas profissionais. *In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT)*, 16. , 2022, Niterói. **Anais....** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022. p. 122-132. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2022.222780>.

MELLO, Aline Vieira de *et al.* Egressas de cursos de computação: o quê as influenciou a escolherem um curso na área? *In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT)*, 17., 2023, João Pessoa, PB. **Anais....** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 113–123. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.229508>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 40, p. 13–27, 2018. DOI: <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01>.

OPENAI. **Whisper: sistema de transcrição automática de áudio**. Disponível em: <https://openai.com/index/whisper/>. Acesso em: 1 nov. 2024. [software].

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RAMOS, Ana Isabela M.; ARAÚJO, Fabíola O. Questões de gênero e a evasão de mulheres nos cursos de computação: um estudo de caso na Região Metropolitana de Belém. *In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT)*, 16., 2022, Niterói. **Anais....** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022. p. 239–244. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2022.223115>.

RODRIGUES FILHO, Eurípedes; DO PRADO, Mauro Machado; PRUDENTE, Cejane Oliveira Martins. O princípio da autonomia como fundamento do consentimento livre e esclarecido. **Revista Estudos - Revista de Ciências Ambientais e Saúde (EVS)**, Goiânia, Brasil, v. 42, n. 4, p. 613–625, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18224/est.v42i4.4380>.

SALES, Angelina S. da S. *et al.* Evasão das mulheres dos cursos de computação: um estudo de caso na Paraíba. *In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT)*, 11., 2017, São Paulo. **Anais....** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2017. p. 1167–1170. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2017.3426>.

SANTOS, Ana Carolina Barbosa dos. **Mulheres na computação: uma análise dos fatores de ingresso, permanência e sucesso profissional**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistemas) – Instituto Federal de Pernambuco, Jaboatão dos Guararapes, 2025.

SANTOS, Nayara Dias dos; MARCZAK, Sabrina. Fatores de atração, evasão e permanência de mulheres nas áreas da computação. *In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT)*, 17., 2023, João Pessoa, PB. **Anais....** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 136–147. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230789>.

SAAVEDRA, Luísa; TAVEIRA, Maria do Céu; SILVA, Ana Daniela. A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Factores explicativos e pistas para a intervenção. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-59, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 4 nov. 2024.

SILVEIRA, Evanildo da. Como as mulheres passaram de maioria a raridade nos cursos de informática. **BBC News Brasil**, São Paulo, abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43781276>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SOFTEX. W-Tech: **o panorama da participação feminina no setor de TICs**. 2024. Disponível em: <https://softex.br/observatorio/w-tech-o-panorama-da-participacao-feminina-no-setor-de-tics>. Acesso em: 11 set. 2024.

TRAUTH, Eileen Moore. Odd girl out: an individual differences



perspective on women in the IT profession. **Information Technology & People**, v. 15, n. 2, p. 98–118, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1108/09593840210430552>.

VERX. **Mulheres no universo de TI**. Disponível em: <https://www.verx.com.br/mulheres-no-universo-de-ti/>. Acesso em: 13 set. 2024.

VIEIRA, Adriane *et al.* Um estudo das relações entre gênero e âncoras de carreira. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, n. 3, p. 577–589, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1679-395172911>.

Women in Computing: An Analysis of the Factors Influencing Entry and Retention

Abstract. The mixed-methods (quantitative-qualitative) study aims to investigate the factors influencing women's entry and retention in Computing, as well as to identify the challenges they face and the strategies they adopt throughout their academic and professional journeys. The research was conducted through semi-structured interviews with 20 female students enrolled in Computing programs. The data were analyzed using content analysis techniques, following the framework proposed by Bardin (1977). The results revealed various determinants impacting female participation, including family support, affinity for technology, financial motivations, flexibility, and reinforcement through support networks. The conclusions highlight the importance of initiatives that promote inclusion and continuous support, emphasizing the need for strategies to increase female representation in Computing.

KEYWORDS: Women. Computing. Gender. Entry. Persistence.

Ana Carolina BARBOSA DOS SANTOS,
Instituto Federal de Pernambuco.

Graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), mestranda em Engenharia de Computação na Universidade de Pernambuco (UPE), com interesse em

estudos sobre a participação de mulheres em Ciência e Tecnologia. Atua como desenvolvedora de software na Claro S.A.

<https://orcid.org/0009-0002-2823-3300>

Viviane Cristina OLIVEIRA AURELIANO,
Instituto Federal de Pernambuco.

Doutora em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professora nos cursos de Computação do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Jaboatão dos Guararapes, com interesse de pesquisa nas áreas de Ensino de Computação, Gênero na Computação e Informática na Educação.

<https://orcid.org/0000-0001-8370-2697>

*Recebido em: 04/11/2025
Aprovado em: 25/02/2026*